

Assinaturas para o Brasil
ANNO SEMESTRE 10\$000
SEMESTRE 6\$000
Assinaturas para o exterior
ANNO SEMESTRE 15\$000
SEMESTRE 8\$000
FUNDADOR: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé, 5 (sobrado)
Endereço telegraphico: LANTERNA
Numero do dia 100 rs.
Aparece aos sabbados

A Escola Moderna em S. Paulo

Pelo que abaixo se vai ler podemos desde já garantir que o ensino livre, racional, alheio ás injunções do clero mentiroso, vai ser um facto, podendo assim a obra do grande Ferrer ser continuada em S. Paulo.

Esperamos que todos os livres pensadores, interessando-se vivamente por esta obra, não deixem de enviar donativos ao comité promotor da grandiosa idéa.

O comité encarregado pelos representantes de varios centros liberais e associações economicas na assembléa que teve lugar na noite do dia 17 de novembro para que expuzesse ao publico o programma da Escola Moderna e para que angariasse os recursos necessarios para levar a cabo e com exito tão importante tentativa, inicia seus trabalhos de propaganda com a publicação da presente circular, explicando as bases fundamentaes do ensino racionalista e suggerindo as modalidades pelas quaes todos aquelles que reconhecerem a importancia moral da renovação dos vigentes systemas de pretendida educação, poderão prestar o seu concurso e offerecer o seu obolo para, custe o que custar, triumphar tão generosa iniciativa como a da fundação da Escola Moderna cidade que parece destinada a continuar sendo o ludibrio dos successores do padre Anchieta, de sanguinaria memoria.

O comité, sciente das graves responsabilidades moraes e materiaes que lhe cabem e sciente das lutas e obstaculos que lhe levantarão os elementos retrogrados, não poupará esforços declarando-se a tudo prompto, mas reconhece que sem o auxilio e a solidariedade de todos os livres pensadores decididos e convictos, não poderá para breve alcançar o fim almejado.

Aconselhamos, portanto, todos os que querem coadjuvar-nos, principalmente no interior do Estado, a constituirem por sua vez sub-comités de propaganda, angariar donativos, promover festas, kermesses, conferencias a pagamento e pôr em circulação as listas de subscrição que serão por nós distribuidas aos amigos e companheiros.

O comité já dispõe do valioso offerecimento de um terreno que será sorteado: temos fé que outras ofertas de valor serão postas á nossa disposição pelos sinceros admiradores da obra de Ferrer; dê cada um segundo as suas posses e as suas convicções.

De todas as quantias arrecadadas será dada publica informação nos jornaes liberais ou em boletim publicado pelo comité. Todos os fundos serão depositados em Bancos e garantidos de qualquer desvio; assim, os materiaes, casa, machinas, mobilia, livros e outros capitaes adquiridos, serão collocados de modo apto a subtrai-los ás confiscações dos illegaes da legalidade.

O fim a alcançar traçado ao comité pela assembléa que o elegeu pode ser compendiado nos seguintes paragrafos:

- 1. - Instalação de uma casa editora de livros escolares e obras destinadas ao ensino e a educação racionalista e que, conforme os casos, serão cedidas gratuitamente ou a preço reduzido.
2. - Aquisição de um prédio para implantar na cidade de S. Paulo o núcleo modelo da Escola Moderna.
3. - Procurar professores idoneos para dirigir a dita Escola.
4. - Auxiliar aquellas que no interior do Estado poderão surgir baseadas sobre as normas do ensino racionalista, normas que passamos a estabelecer.

A Escola Moderna propõe-se libertar a criança do progressivo envenenamento moral que por

meio de um ensino baseado no mysticismo e na bajulação politica, lhe communica hoje a escola religiosa ou do governo;—provar junto com o desenvolvimento da intelligencia a formação do caracter, apoiando toda concepção moral sobre a lei de solidariedade; fazer do mestre um vulgarizador de verdades adquiridas e livra-lo das peias das congregações ou do Estado, para que sem medo sem restricções lhe seja possivel ensinar honestamente, não falseando a historia e não escondendo as descobertas scientificas.

O ensino racional baseado se sobre a razão e não curvando-se á fé, plasmará portanto individuos independentes, capazes de escolher amanhã o proprio caminho na sociedade e individuos humanos, pois não se fará da escola o que hoje é, uma causa de rivalidade, uma fonte de idéas absurdas e de preconceitos rancorosos, aos quaes devemos grande parte das perturbacões sociais e das violencias que assignalam a marcha evolutiva da humanidade.

Possivelmente o ensino será integral, exercitando o alumno progressivamente em todos os conhecimentos intellectuaes e physicos. Havendo recursos será também cultivado o ensino profissional.

Emfim, a Escola Moderna propõe-se fazer da criança um homem livre e completo, que sabe porque estudou, porque reflectiu, porque analysou, porque fez a si mesmo uma consciencia propria e não um dos tantos bonecos laureados por repetirem como phonographos as verdades de Moyzès e para se curvarem sem dignidade ao Direito Romano, pequenos nos odios e nos enthusiasmos, crescendo e vivendo sem possuir uma concepção real da vida, inimigos de si mesmos e da humanidade.

Estas são as normas fundamentaes que servirão de base á Escola Moderna e que por meio de conferencias e publicações avulsas serão vulgarizadas para que todos comprehendam o que queremos.

Por iniciativa do Grupo Pensamento e Acção se realizará uma festa em beneficio da Escola Moderna no dia 31 de dezembro vindouro com o drama «Giordano Bruno».

Os bilhetes familiares custam 2\$. Publicaremos no proximo numero o programma por inteiro.

Toda a correspondencia relativa á Escola Moderna deve ser enviada a Leão Aymoré, rua Gomes Cardim, 5, S. Paulo.

O pavor dos corvos

A Cidade de Campinas, o tal orgam dos marmaros do bispado da vizinha cidade, cujos ossos o bispo manda lhe dar para que a infeliz arraste sua misera existencia, expondo suas chagas e mazellas, noticiando os preparativos para a fundação de uma Escola Moderna, assim conclue:

Nós esperamos que em nossa abençoada terra, não logrará crescer esta planta mal lita, que está florescendo na Hespanha e noutros logares.

E' o pavor dos corvos a se manifestar nessas linhas, porquanto o padre tem mais medo de uma escola neutra que o rato do gato.

Infelizmente para elles a tal planta maldita tem de florescer, pois hoje só progride o que é maldito; o que é abençoado, já se sabe, vai pela agua abaixo num instante.

Não é, porém, muito religiosa a linguagem da anemica e lazarenta Cidade. Para um orgam que vive das esmolas do bispo a linguagem de vera se esta:

«Pedimos a Deus e á Santissima Virgem, e aos Santos Apóstolos e á S. Benedicto que empreguem todos os meios e nesse caso a fuzilacão, como se faz em Montjuich, para impedir etc., etc.» Mas, o respeito humano?



As torpezas de um padre

1) Edwiges Gomes, de 14 annos de idade, ultima victima do padre Cyriaco, com a qual elle se casou civilmente; 2) Maria da Conceição; 3) Maria dos Anjos, dotada com um conto de réis pelo padre Cyriaco, seu offensor; 4) Eugenia Gomes; 5) Joanna Pacca e 6) Flavia Enedina dos Santos, também dotada com um conto de réis pelo famigerado padre que a deflorou. 7) o bandido padre Manuel Cyriaco de Oliveira, ex-vigario da Lapa, suspenso das ordens e excommungado por se ter casado civilmente com uma das victimas, e não pelos crimes que commetteu...

Publicamos hoje o retrato do celebre padre Manuel Cyriaco de Oliveira, vigario de Lage, no Estado da Bahia, e que no espaço de um anno e poucos mezes deflorou onze (11) moças, todas pertencentes á Irmandade Filhas de Maria. O proprio templo foi o local dos crimes. A ultima das victimas, menina de 13 annos, é hoje esposa do monstro, que foi excommungado só por se ter casado no civil. (O bispo da Bahia

achou que isto é que era crime; o resto nada era).

Para tal bispo, tal padre.

O povo que reflecta se isto é ou não é o fructo do jesuitismo e de seus ensinos.

Depois os hypocritas clamam contra a immoralidade do seculo, quando são elles, os guardas da moral (jesuita, notem bem) os primeiros a se revelarem depravados, corruptos, libidinosos e infames.

Estuprada e assassinada?

Uma menina desaparecida mysteriosamente do Orphanato Christovam Colombo — As infamias dos padres

Até hoje a policia e a justiça desta terra têm deixado em paz os responsaveis pelo desaparecimento da menina Idalina Stamat, que se achava recolhida ao Orphanato Christovam Colombo.

Bafejados pela impunidade, á sombra de uma criminosa tolerancia, os delictuosos que se aboletam no dito orphanato, cynicamente, com o mais vivo despudor, têm tecido uma série de mentiras para explicar o mysterioso desaparecimento.

Ora, Idalina se encontra em Monte Alto em casa de um padre, e verifica-se que isto é mentira.

Ora, acha-se em uma fazenda em Ariranha e o Alteres João do Oliveira a vai buscar e, com vinte soldados, tom de fugir repellido pelos capangas. Tudo isso é farsa.

E, mais que farsa, é infamia.

Os padres do orphanato fazem desaparecer uma infeliz orphã e ainda ohaocoteiam dos que exigem contas do delicto, zombam da justiça e tripudiam...

E' necessario que seja esclarecido o facto; que o mysterio se desvende, pois é bem possivel que Idalina tenha sido estuprada e depois supprimida para que seus algozes continuem a mostrar, ao mundo, a face de histrião untada de santidade.

E para isso empenharemos todas as nossas energias.

Queremos saber o que ha de verdade no caso.

Nossa collega Le Battaglia promove uma longa e enérgica campanha sobre o caso até agora sem resultado, infelizmente.

A collega chegou a offerecer um conto de réis pelo depoimento de alguem que por acaso tivesse visto ou percebido qualquer coisa.

Mas o mysterio permanece, porque a justiça e a policia, não sendo impelidas pelos grandes rotativos, nada fazem, nada vêem, nada ouvem.

Continuaremos no proximo numero, publicando o retrato da infeliz Idalina.

Excursão de propaganda

Nos primeiros dias de dezembro partirá um dos nossos redactores em propaganda pelo interior e, ao mesmo tempo, encarregar-se-á de receber e angariar assignaturas.

Em todas as localidades que seja possivel elle fará conferencias anti-clericaes, e por isso esperamos que os nossos correligionarios o auxiliarão o mais possivel.

Da mesma forma esperamos que os nossos assignantes envidarão estorços no sentido de facilitar-lhe a tarefa, assegurando igualmente o futuro e a prosperidade da Lanterna.

Predilecta Hespanha

Desde que a igreja romana perdeu a teta da França, e que estas por não lhe dar mais dinheiro, deixou de ser a primogenita, a Hespanha é que occupa o primeiro lugar entre as filhas do papa. A Hespanha, é inutil dizê-lo, official e argentaria, que o povo já se vai afastando do clericalismo.

E, afinal, o clero tem razão. Leia esse trecho de Paul Louis, publicado na Revue Politique et Litteraire:

«O orçamento, que é pesado para um paiz pobre—mais de um bilhão de francos—é quasi inteiramente absorvido pela vida publica, pelo exercito e marinha, e pela manutenção do clero regular e secular. Os cultos exigem 50 milhões de francos por anno, cinco vezes mais (guardadas as devidas proporções) do que na França, sob o regimen da concordata. Não ha ainda milhas de creditos para os trabalhos publicos e para o ensino: também, todo o progresso está paralytado, e é colossal o effectivo dos illudrados. O analfabetismo reina ali como senhor soberano, tal como na Italia do Sul. E sobre 19 milhões de habitantes, mais de dez milhaes não sabem ler nem escrever.»

50 milhões de francos para manter na ociosidade a padralhada, enquanto as populações campezinas de Valencia morrem á fome.

50 milhões para o clero, enquanto a instrução publica é tratada da seguinte forma, segundo informam ao Jornal do Commercio:

«Ha pouco tempo uma estatistica mostrava que a proporção dos que não sabem ler nem escrever na Hespanha era consideravel em relação aos outros paizes da Europa.

Mais recentemente, são os proprios jornaes hespanhóes que reclamam contra a falta de escolas na Hespanha.

As crianças não podem aprender a ler e a escrever, explica-se, porque as poucas escolas existentes são anti-hygienicas.

Um ministro da Instrução Publica, d. Amalio Gimeno, deu conta, num trabalho especial, dessas escolas malsãs.

Algunas não têm senão uma janella e esta mesma dando para o cemiterio.

Outras funcionam á entrada de uma prisão, na mesma sala por onde passamos presos.

Muitas são contiguas a salas de hospital.

Das 499 escolas de uma provincia, 400 não têm agua.

Muitas não recebem ar senão pela porta de entrada. Não são raras as que têm por soalha a propria terra batida. Na propria capital hespanhola, em Madrid, a situação é lastimavel.

Recentemente, El Liberal escrevia: «Boa ou má, uma escola é indispensavel e em certos bairros de Madrid as escolas faltam ao ponto que centenas de crianças não sabem onde ir se instruir.»

Ultimamente também os habitantes de varias ruas de Madrid (Argumosa, Valencia, San Cosme, Lavapiés e outras) se dirigiram a El País para declararem que mais de 900 crianças não podem aprender a ler e a escrever porque não existe escola no districto do Hospital.»

Ora, si o romanismo faz tanto empenho em se incumbir do ensino, e, si após tantos seculos de dominio na Hespanha, apresenta tão triste resultado, é claro, é evidente, é indiscutivel que o clero só deseja o povo ignorante para melhor dominar.

«Embrutecer para dominar» é a sua divisa, cujas infelizes consequências têm sido constatadas em todos os paizes catholicos.



As filhas de Ferrer

Trinidad Ferrer

Extrahimos de La Journal:

«As filhas de Ferrer foram surpreendidas pelos gritos dos vendedores de jornaes que annunciavam a noticia da execução.

Trinidad Ferrer estava em casa, um pequeno quarto de hotel em um bairro popular visinho ás fortificações. Vacillava entre a esperança e a dôr quando ouviu os gritos dos vendedores. Desceu correndo á rua, comprou um exemplar e, apenas leu os grandes titulos do jornal, soltou um grito e calou sem sentidos. Foi logo soccorrida.

Após grandes esforços, fizeram-na voltar a si. Tinha nas mãos crispadas o periodico que acabava de comprar. Leu e releu o despacho que lhe annunciava a orphanada, porém não querendo crer na autenticidade da noticia, subiu a um coche e correu toda Paris de redacção em redacção. Finalmente se dirigiu ao ministerio do Interior para saber se era verdadeira sua desdita. Ali não puderam confirmar a fatal nova.

Desanimada a desventurada joven, que está gravida de oito mezes, voltou á casa. Ao chegar, uma nova commoção a aguardava. Desceu de um automovel sua irmã, Paz Ferrer, a conhecida artista, e se precipitou em seus braços chorando.

Foi emocionante o encontro das duas irmãs. Trinidad Ferrer não pôde suportar mais tempo sua commoção. Desmaiou de novo sendo preciso levá-la a seu quarto onde, presa de alta febre, teve que guardar o leito. Um medico, que foi chamado com urgencia, ordenou absoluto repouso, pois a situação especial em que se achava podia trazer sérias complicações.

Um de nossos redactores teve uma entrevista com Trinidad, que lhe declarou:

«Nosso pai era o melhor dos homens. Apesar de quanto se tem dito é certo que jamais nos olvidou nem nos deixou sem recursos. Não sou feliz é verdade. Trabalho para ganhar minha vida. Tenho dois filhos doentes; porém meu pai sempre foi bom para mim e me ajudava sempre que era necessario.

A ultima carta sua que recebi é de 4 de outubro. Nesta data meu pai dizia que não podia ser condemnado, pois era innocente dos factos pelos quaes o perseguiam. Desde então não tive mais noticias, porque meu pai estava incommunicavel.

Hontem pela manhã telegraphiei a Barcelona pedindo noticias. Não obtive resposta. Soube da horrozosa realidade pelos periodicos.

Um amigo de Ferrer, que sempre visitava Trinidad, nos disse que a desgraçada senhora adorava seu pai.

Ferrer, accrescentou, tinha o criterio de que todo ser humano devia ganhar sua vida. Por isso deixava trabalhar suas filhas, porém não as abandonou e sempre provia a suas necessidades.

Trinidad Ferrer vai processar os que insultaram, em cartazes afixados em Paris e em Ardenes, a memoria de seu pai.

E diante das declarações de Trinidad que ainda virá dizer o Di-Habdomadario Catholico, forjando novas infamias, sobre o proceder de Ferrer para com suas filhas?

E' tão grande o repertorio de calumnias da imprensa romana...

A LANTERNA

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALVO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

ARMAZEM DE SACOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24.

NA LAPA — Salto Internacional.

VENTURA SIERRA, rua Conselheiro Raimundo, 105.



A Escola Racionalista de Agua Branca, alvejada pela furia jesuitica-policiesca do sr. Washington Luiz, que a encerrou brutalmente, expulsando arbitrariamente o seu professor Edmundo Rossoni



— Não ha que duvidar, foram os anarchistas... — Caramba! E eu que acreditava serem os proprietarios da Casa Allema pessoas de bom comportamento!

### Ecoss & Notas

#### Dentro da lama

Persevera o *Bi Hebdomadario Catholico*, do Rio, na faina ingloria de manchar a memoria de Ferrer, não contente com a sua morte, pequena vingança para tão grande odio.

Para isso o orgam de que fazem parte Felicio dos Santos, professor da Faculdade de Medicina, e Andrade Figueira, o decrepito e carola monarchista, forçador de conspirações, adulterou, traduzindo, tudo quanto se passou no julgamento de Ferrer.

E ingenuamente, parvamente, estupidamente o dito jornal afirma «que é muito commentada a EXAGERADA LIBERDADE (sic) de que fez uso o defensor», sem dizer, entretanto, com o revoltante cynismo dos que se debatem na lama, que esse mesmo defensor pediu e não obteve os livros da Escola Moderna e só teve 24 horas para estudar uns autos de 600 folhas.

Entretanto o terrivel e rancoroso orgam reaccionario teve de confessar, a contragosto embora, que «Ferrer ficou o que foi». Felizmente não foi possível espalhar a mentira de que elle morrera convertido, como tentaram fazer com Carducci e o que provocou o celebre telegramma do grande poeta moribundo: «immutato e immutabile».

Assignalemos, contudo, uma sinceridade do *Bi Hebdomadario Catholico*: no cabeço se lê — *O Bi Hebdomadario Catholico* é o jornal mais barato do Brasil. Perfeitamente de accordo...

#### Digno de nota

Um distincto collaborador do *Sertanejo*, nosso collega de Barretos, applaude a oração do bispo d. José Homem de Mello, na qual esse prelado, rebatendo o sermão de um seu subordinado que applaudia o fuzilamento de Ferrer, disse que a igreja ensina: não matar!

Sem querer indagar se a piedade desse prelado é sincera, sempre queremos ver se o clero de todo o Brasil, que sem excepção applaudiu esse assassinato dando mostras de uma ferocidade e um rancor incriveis, se não fossem manifestados por elle, é capaz de afirmar que o bispo Homem de Mello é cúmplice de Ferrer!

#### O anonymato

Espreita o facinoroso occulto, a chegada da victima e mata a traição; o anonymo, sem a necessaria coragem para assumir a responsabilidade do que diz, mergulha na sombra e, invisivel, despeja de lá a injuria soez, o insulto vil e torpe, á falta de melhor argumento.

De Bica da Pedra nos enviaram um exemplar d' *A Lanterna* em que um miseravel qualquer, tão ignorante quanto perverso, traçou em grandes caracteres umas phrases pornographicas denunciadoras de uma rasteira educação e de costumes bem degradantes. E o interessante é o que o anonymo se qualifica — um que não é besta, dando, ao mesmo tempo, pelo que escreve, irrefragavel prova do contrario.

Certamente o infeliz é um typico criado no ambiente mephitico das sacristias, porque, afirma, que si o Brasil fosse a Hespanha, não existiria *A Lanterna*, com o que demonstra, sem querer, o coitado, que a igreja só pôde combater a

verdade pelas balas e pela tortura. Para que possam avaliar tudo quanto de mau, de asqueroso, de infame, de repugnante pôde brotar do cerebro enfermeiro de «um que não é besta», deixamos em nossa redacção esse numero, para que possa ser visto por todos.

#### Collaboração

Temos recebido muitos artigos e poesias que a absoluta falta de espaço tem impedido de dar á publicidade. Dentre esses ha alguns que, por terem perdido a actualidade, não convém sejam inseridos; outros aguardam oportunidade, pois não podemos sacrificar os assumptos do dia.

Pedimos a todas as pessoas que nos enviarem artigos o favor de escrever em letra bem legivel, num só lado de papel e, si usar pseudonymo, dar, entretanto, seu nome para nosso governo.

Tambem rogamos, devido á carencia de espaço, que sejam breves e concisos.

Aos que nos têm enviado poesias, prevenimos que difficilmente serão publicadas, salvo os sonetos, sendo, pois, preferivel que escrevam em prosa.

#### Uma ré publica

E' a tal de Jardinópolis, que, no intento de pegar no bico da *challira* do tal d. Alberto bispo, escreve que «alguns individuos andaram sujando as paredes de predios e mutilando placas com boletins anti-clericaes».

E' interessante este commentario:

«Achamos muito justo que cada um proceda conforme as suas ideias, mas porém, não se prevaleça de *couzas futeis* para affrontar quem quer que seja».

*Couzas futeis* é o assassinato de Ferrer, que tambem assim qualifica a *ré publica* a condemnacão do grande educador; quem quer que seja é o bispo.

Saberão dizer-nos onde pára o juizo da *ré publica*?

Concorda em que Ferrer foi assassinado e a isso chama *couzas futeis*. Acha que d. Alberto é divino e a elle se refere num *quem quer que seja* tão desdenhosamente como se fosse da *Lanterna*. Não ha duvid — água benta apodrece os miolos...

Em o mesmo numero da *inefavel re publica* lá vem o d. Alberto qualificado — inconfusivel operario... Fusivel é e que se funde. Infusivel é o contrario. Portanto, d. Alberto num forno de alta pressão não se funde nem a mão do deus padre. Que lhe seja de bom proveito.

«S. exa. percorre agora todas as parochias de sua diocese para inteirar-se de toda as necessidades de todo o seu povo», assegura a *re publica*.

Santa ingenuidade! Que se lhe dá, a sua reverençissima e divinal pessoa, que o povo tenha necessidades. Não será para as alliviar que viaja. E a prova são os 2\$000 de cada creança que é chrismada. Santos ingenuos!

#### Diario de Noticias

Sob a direcção do deputado rio-grandense dr. Pedro Moacyr surgirá, brevemente, no Rio, mais um quotidiano sob este titulo.

Já o nome de seu director é uma segura garantia de exito. O sr. Henrique Marinho é o secretario da redacção.

#### Pobre marreco

*Marreco*, o insigne e laureado *lambegalheta* director da *União Catholica*, jornalista que se publica em Guaratinguetá, ficou medonhamente indignado porque dissemos que a cara dos cardeaes, á falta de melhor applicação, pôde servir de escarradeira. Tão indignado ficou o infeliz idiota que revolveu tudo o vocabulario pornographico de seus mestres da Basilica para nos insultar.

Francamente, tivemos pena. Causou-nos dó o estado a que o reduziu o furor. Nunca pensamos que o *Marreco* se magoasse até o ponto de quasi morrer ieterico. Mas, se o infeliz, a todo o custo, não quer que a cara dos cardeaes sirva de escarradeira, offereça a sua larga e bronca face de cretino para tal fim. Ficarão os cardeaes em socego e o *Marreco* poderá ser nomeado, pelo ser-viço, conde papalino. Serve!

## O que se faz nos seminarios e nas parochias

### Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliuzzi



#### Primeiras impressões

Estas estupidas criaturas vegetam entre os muros do convento e nada têm de sympathia e de attractivo. Quando com ellas me contendo e com ellas divido as horas do passeio e do recreio, sinto uma desagradavel sensação que me faz esquecer quanto haja de santo e bello no mundo. Eu creio que os padres existem apenas para fazer desaparecer todo sentimento do coração. Pobre coração humano.

Pela manhã, mal desperto, saio em busca de um pouco de alegria em tanta amargura de vida, mas uma indolencia morbida se apossa cada hora mais de mim, e meus sentimentos são obtusos.

Muitas vezes me vem a ideia de escrever a minha mãe rogando lhe tirar-me deste lugar. Penso ás vezes o dia todo, mas o pensar que a vou desgostar, dar-lhe talvez a morte, me detem e acabo fazendo nada.

Nada mais perigoso que a solidão. Ella nos atira á desesperaçãe, e, sinão nos furtamos ao desanimo que nos incute, até ao suicidio nos arrasta. Os padres envenenam todo bom sentimento de amor. Oh tormento inaudito! Oh crudelissimos torturadores da alma, como são venenosos os manjares que preparam á sombra dos vossos seminarios.

4 de maio — Creio util alludir ás confissões que os superiores obrigam a fazer cada 15 dias nos seminarios. Um pouco de mau humor entre os seminaristas, suscitados de pequenos favores ou de illicitas relações de mestres com escolares, é o bastante a decidir os superiores a sotop-los á confissão. Um dia, em que meu pai espiritual estava sentado em uma poltrona em minha cella, ajoelhei-me a seus pés diante da imagem de Jesus. Elle, o confessor, compreendeu que desejava lavar as culpas de minha consciencia com uma boa e total confissão e, com as mãos cruzadas no peito, começou:

— Deus vos abençoe. Dizei-me todos, todos os vossos peccados.

— Padre — respondi — confesso ter diminuta fé na veracidade dos dogmas da nossa santa religião.

— Pois não tendes para vossa edificacão mestres e sacerdotes de elevada e provada santidade? Não recebeiis quotidianamente exemplos de virtude christá que vos confirmam sempre mais na verdade catholica? Recordai-vos de que a fé deve ser cega.

— Para quem não cuida de syndicar sobre a origem destes dogmas, escogitados pelos...

— A bocca do sacerdote não pôde mentir, e tambem o ignorante pôde e deve confiar em suas palavras, que são palavras de verdade.

— Como são verdades os escandalos que pratica aos olhos do mundo, conquanto revestido de ordens sacras. Até aqui, por exemplo, temos padres immoraes e descrentes que não se envergonham de insultar publicamente a Deus e de chamar ao papa *besta romana* em seus partos poeticos. Si a verdade se tivesse de aprender da bocca do sacerdote ficaríamos sempre no erro, e disseis d'ão provas aquelles mestres que não fazem coisas licitas com os seus alumnos...

Neste ponto o rosto do pobre se alterou e seus olhos scintillaram.

— E poderis dizer-me quaes são esses reverendos que chamais impudicos e descrentes?

— São... o professor da primeira gymnasia... o vice-reitor...

— Basta, basta; são rebutilhos do clero: são aquelles que, em

época não distante, desmoralisarão este santo lugar. Tendes mais o que confessar?

— Tenho o peccado da soberbia.

— Sabeis que um acto de soberbia perdeu a Lucifer.

— Rezo raramente e mal.

— A oração conduz ao paraizo.

E se esforçava em ensinar-me a amar a Jesus, á Virgem, aos santos; elle que não cria e vivia como um padre libertino.

Antes de deixar o confissionario quiz narrar-lhe que justamente naquelles dias haviam sido deplorados no seminario varios attentados ao pudor.

— Pensai a confessar os vossos peccados e não os alheios — disse-me o digno padre com aspecto severo e solenne.

Dahi se pôde compreender que certas noticias não ferem em nada a susceptibilidade dos confessores. A immoralidade os deixa indifferentes e os encontra sempre promptos á indulgencia.

#### PADRE FRANCISCO BIGLIAZZI

### O castigo de Deus.

«Deus não quer a morte do peccador mas o seu arrependimento» disse, um dia, o galileu que o catholicismo chama seu fundador.

Pois, bem, os padres o que querem é a morte do hereje e assim o demonstra, mais uma vez, o *Mensageiro*, com aquella implacavel sede de vingança que tão bem caracteriza o clero.

A propositio do cruzeiro derribado em Campinas pelos proprios padres, segundo os mais videntes indicios, narra esse pamphletto que em Limeira ha muitos annos deu-se factio identico, praticado por seis pessoas, das quaes duas ficaram na miseria, duas enlouqueceram, uma morreu de um tiro e uma envenenada.

E affirmo o tal jornal que isso foi castigo de Deus.

Revolta-nos essa torpe exploração da creça ingenua do povo, porque, dado que fosse Deus quem tal fizesse elle estaria em desacordo com o que disse a seus discipulos.

E segundo ensinam os bonzos, Deus não se contradiz.

Arredando do caso Deus, que é afinal um explorado, e que anda tão longe que ainda não pôde ser visto, si aos seis sacrilegos (!) succederam taes desgraças é licito affirmar que foram os clericos quem, atrozmente os perseguindo, acabaram por assassinar a dois e a levar á miseria os outros quatro.

Assim é que vivem esses parasitas, insuflando no povo fabulas e absurdos e o incitando ao odio, á perseguição, á vin licita cruel, fazendo desse Deus, tão docil a seus manejos; ora um pai que perdoa, ora um carrasco executor da pena de Talião.

Podemos tomar a sério esses roupetas?

Pôde algum confiar na veracidade do que dizem?

Não. Elles são os apóstolos do erro, os propagadores da mentira e a mais perfeita encarnação da hypocrisia!

O cliché que estampamos da Escola Racionalista, foi nos gentilmente cedido pelos nossos collegas da *Tribuna Italiana*.

#### Commentando o incendio

— Aquellas labaredas subindo ao céu, irmão, que belleza!

— Sim, é verdade... porém faltava alguma coisa.

— Compreendendo-te, mas não precisava de tal. Talvez que mais cedo do que supões, veremos entre as labaredas algum herege.



— E aqui que eu faço o melhor da feria, podes crer, já tenho fama e gente de longe consultar-me, já sou um pequeno Deus... Dentro daquella caveira — proseguiu apontando para a parede — ha um bico de gaz que eu acendo á hora das consultas. Por meio de um tubo de borracha e uma pequena bomba que ageitei, consigo transformar, quando quero, a pequena luz numa viva lingua de fogo para queima ou tostar qualquer objecto relativo ao caso do cliente. E com essas e outras patranhas que eu lhes dou a completa convicção do meu poder sobrenatural! Ah! a humanidade é estúpida e irredimivel, meu caro! Já não creio em nada.

— Voltamos á loja,

## S. Francisco

### OU A VERDADEIRA BOSTA DE VACCA

A rua do Regente é uma das ruas mais perigosas do Rio de Janeiro. Isto pôde parecer troça, mas não é. Assim como ha homens pacificos e homens perigosos, tambem ha ruas pacificas e ruas perigosas. E precisamente como succede em relação aos homens, os nomes das ruas estão tambem em flagrante contraste com a natureza dellas; de modo que assim como qualquer sujeito chamado Felizardo ou Felicissimo hade, fatalmente, ser caiporissimo e desgraçado, tambem qualquer rua da Harmonia ou do Regente não pôde deixar de viver em constante chintrim e em perpetua desordem.

A razão de semelhante factio não a conhecida exactamente, mas tudo me leva a crer que uma tal extravagancia só pôde ser devida á intencão macaca de se divertir com que Deus fez homens e ruas.

Seja porém como for, o facto é este: na rua da Harmonia não se passa dia em que não haja uma desordem e na rua do Regente não ha a minima sombra de segurança. O pobre incauto, pois, que — aviso aos caipiras — fiado naquelle tranquilizador nome do Regente, teimar em passear por essa viella, arrisca-se muito a levar, de um momento para o outro e sem saber como nem porque, uma rasteira que o deita de cangalhas, uma surra que lhe deira os ossos num molho, ou uma lacada que, com alma e tudo, o manda de presente ao Diabo.

E', pois, uma rua perigosa a rua do Regente. Mas a que propositio vem isto? Apenas para dizer que passei ha pouco por essa nojenta e patibularia via. E' evidente que para um espirito ordenado e sobrio não era preciso nada disso para dizer coisa tão simples; mas como o meu espirito nada tem com a sobriedade e é duma vagabundagem pavorosa — mesmo porque se não fosse não se mettia pela rua do Regente — foi mistér toda essa preleção.

Passava, pois, como entendido fica, por essa rua, quando, ao des-cambar dumha esquina, dei de cara com o meu velho amigo Luiz Correia Palermo a retorcer, encostado numa porta, as guias implicantes do seu bigode grisalho.

— Olá! por aqui? — disse-me elle logo que me avistou.

E, terminados que foram os apertos de mão e aquellas palavras banaes e tantas vezes hypocritas que presidem ao encontro de duas pessoas conhecidas, perguntei-lhe rudemente, olhando em Jerodor.

— E tu, tu que fazes por aqui?

O Correia sorriu, apontou para o interior da casinhola a cuja porta nós achavamos e, com certa ponta de cynismo, acrescentou:

— Cava-se a vida, não vê? Para alguma coisa me haviam de servir os meus conhecimentos pharmaceuticos e a minha longa estada na roça. Nem só os padres e os b. ticarios têm direito á vida.

Era uma casa de ervanario. O intenso, confuso e desagradavel cheiro que desde a porta se sentia já o estava indicando. Mas, percorrendo a casa com a vista, logo notei que o meu amigo não se limitava, naquella arapuca, ao honesto commercio de ervas medicinas. Entre homioletos e bogiungas de feiticaria que se ostentavam no meio dos molhos deervas, surprehendi sobre a porta para o interior, numa especie de nicho, a imagem dum sereno S. Francisco a olhar tolamente para quem passava. Aos pés jazia-lhe uma Biblia Sagrada e um Livro dos Espiritos. E aquillo, evidentemente, indicava malandragem!

— Estás intrujando a humanidade, meu patite! — disse eu sorrindo.

— Elle não se perturbou. Com seriedade e vigor volveu logo:

— Enganas-te, meu caro. Estou simplesmente cavando a vida. A humanidade é estúpida, que queres?! A culpa não é minha. Bem sabes que fiz o que pude para levar-a ao caminho da verdade e da belleza. Não foi porém possível, desaccorçoti, cancei-me; adquiri mesmo a convicção de que ella será eternamente estúpida e eternamente escrava. Agora sirvo a sua burrice. Não o faço, devo advertir, por espirito de philantropia — bem sabes que odeio a caridade; — mas é que com os meus esforços para arrancal-a ao erro e á superstição havia ficado reduzido a morror de fome. Sirvo, pois, a sua burrice, mas apenas como meio de vida. Faça como os empregarios de theatro que, depois de se arruinaem

com a representação de boas obras d'arte que o publico despreza, se põem a representar grosserias boçaes, a que o publico afflue freneticamente. E' o apolo do cão de Baudelaire, meu caro. A humanidade é como o cão. O cão rejeitava o pão de ló que o sabio lhe havia atirado para ir lamber um monte de escremento que farenjara num portal. A humanidade é assim.

A tirada fora extensa e substancial. O Correia defendera-se airosoamente. Não insisti, pois.

— E o negocio vai dando?

— Vai, vai; mas vem dahi; vem cá dentro; quero mostrar-te o melhor. Não vás pensando que se possa viver e pagar casa com a venda diaria d'alguns tostões de ervas.

Penetramos na sala contigua. E o meu espanto cresceu. Muito baixa, acachapada, pequenina, escura, apenas alumada por uma restea de sol que se coava por uma telha de vidro, a casa pairava numa penumbra cheia de melancolia e exhalava um bafo humido e repulso. Lembrava um subterraneo.

— Aqui está o altar, disse o Correia indicando uma mezinha de pinho cheia de bonecos e bogiungas. Do lado direito destacava-se um crucifixo e ujo Christo deitava sangue por todos os membros; do lado esquerdo uma equipatica estatuetta do Diabo fazia lembrar um fauno grotesco. ... e as duas divindades christãs cubriam-se uma caveira de dentes brancos e luzentes.

— E' ahí, aos pés do Christo ou Satanaz, que e' a bosta de vacca a quantia destinada á consulta. Eu retiro-me um momento, enquanto o consultante se enche da atmosfera macabra do recinto; cinco minutos após, quando o desgraçado já se achí immerso na ideia que o persegue e na angustia que o arrasta, volto com uma tunica roxa ou vermelha, conforme foi Christo ou Satanaz a divindade escolhida, faço um trejeito deante da divindade e sento-me naquella poltrona.

A poltrona estava ao lado do tamborete, mesmo de frente á mesa altar. Da parede, junto á poltrona, encrustada na calça, irrompia uma caveira pintada de vermelho, com os dentes dourados.

— Eu sento-me na poltrona, proseguiu o feiticheiro, e a besta da tenacidade senta-se no tamborete. Fiz isso propositalmente para marcar a inferioridade della e realçar a minha superioridade. E' desse tamborete humilde que ella me mostra a sua estúpida alma choramingando os males imaginarios que a sna estupidez criou. Deusa e Diabo estão subordinados á minha vontade, humanidade estúpida. Eu sou o individuo, o Unico, o Soberano. Qual é o teu mal, besta?

Fala! Dos males que Deus ou o Diabo infligem, por elles ou pelos seus numerosos subditos, eu te livrarei, humanidade! Fala! Essas potencias que tu creaste e de que depois te fizeste escrava, besta humana, estão em meu poder, são coisa minha, docéis ao meu chicote e ao meu trovejar. Mas, para isso dá-me um bocadinho do teu sangue — isto é, do teu dinheiro. Na natureza nada é de graça. A vida não dá coisa alguma. Para tudo o mister um esforço. A quem queres que ordene, que imponha, que mande? A Deus ou ao Diabo? Fala!

O Correia inflamava-se. Falava com a unção dos loucos, com a firmeza e sinceridade dos visionarios, dos revoltos dos. Comoviu-me e causou-me medo. Recoei que delirasse, que enlouquecesse.

— Mas basta, homem! Já comprehendo. E ri um pouco para espalhar a emoção.

— Cancei-me de ser besta, entendes — tornou elle já no seu tom habitual. Agora cultivo, exploro ou sirvo — como quizeres — a estupidez alheia.

— Descobriste um singular meio de vida, não ha duvida. E talvez tenhas razão.

— E' aqui que eu faço o melhor da feria, podes crer, já tenho fama e gente de longe consultar-me, já sou um pequeno Deus...

Dentro daquella caveira — proseguiu apontando para a parede — ha um bico de gaz que eu acendo á hora das consultas. Por meio de um tubo de borracha e uma pequena bomba que ageitei, consigo transformar, quando quero, a pequena luz numa viva lingua de fogo para queima ou tostar qualquer objecto relativo ao caso do cliente. E com essas e outras patranhas que eu lhes dou a completa convicção do meu poder sobrenatural! Ah! a humanidade é estúpida e irredimivel, meu caro! Já não creio em nada.

— Voltamos á loja,

FOLHETIM

GOLIARDO E BATALANGA

O "ASNO" NA LUA

FANTASIA INVEROSIMIL

Os tormentos de monsenhor

O capitão, a estas palavras, estava para fazer sahir de novo a durindana da banha...

Passeios aereos

Tendes ainda—acrescentou o lunar—provisões no balão (o mensageiro corre para lá com dois bater de azas) e podereis devorá-las aqui...

O capitão teve outro impeto.

Dos animaes?

Desculpe, não queria offender-vos. Nós não comemos, mas existem na Lua animaes inferiores que comem como nós...

Monsenhor consolou-se.

Desde que se coma, não faço questão de dignidade. O mensageiro voador assim direi, tinha voltado, pondo na herva quanto achara no balão...

mente, num grau não muito lisongeiro da escala zoologica.

— Desculpai— disse eu—engulindo um pedaço de carne de conserva, para prevenir alguma nova furia do capitão...

— Explicava-lhes que não podereis viver nas altas camadas celestes, onde a atmosphera é rarefeita ou nulla.

— E vós viveis nella?

— Certamente! Não temos precisão de ar, ou de oxigenio, para queimar os alimentos no estomago. A respiração é, pois, para nós uma superfluidade, emquanto é indispensavel aos animaes inferiores que habitam a Lua.

— Ou que nella estão de passagem...

O velho sorriu.

— Assim—acrescentou— não funcionando as mucosas, o sangue da periphéria não sofre alterações pelo frio, e podemos dispensar os vestidos, necessarios aos organismos menos desenvolvidos.

Monsenhor coçou as sobrancelhas:

— Mas os vestidos não são necessarios sómente para defesa das intemperies: elles são tambem defesa do pudor!

Os pudores de monsenhor

Duas ou tres galantes lunares, que seguiam attentamente a nossa conversação, aproximaram-se.

— Amigo Pensamento, que é pudor?

Monsenhor olhou as córdão e estava para recitar-lhes uma pagina de Santo Afonso quando o velho poz um dedo na bocca.

— O pudor é um preconceito dos habitantes da Terra, especie immoralissima entre todos os seres vivos, que inventou normas moraes para excitar lubricos pensamentos.

— Mas como?!— exclamou monsenhor—prenderis que cobrir o corpo seja costume immoral?

— Não para vós, pois que o cobri-lo é uma necessidade determinada pelo clima, mas se-lo-ia para nós que a tal necessidade não estamos sujeitos. A curiosidade destas moças lunares, excitada pela primeira vez, diz-vos si ectou em erro.

— Mas então deveremos nos tornar selvagens outra vez?— insistiu monsenhor desesperadamente.

— Não, disse o velho— não selvagens, mas civilizados. Todo o costume não determinado pela necessidade, é uma incongruencia e uma immoralidade. Desapparecendo a precisão de cobrir-se, faze-lo seria simplesmente immoral, apresentando sob véos artificiosos e com a fascinação das coisas prohibidas aquillo que é natural e que não deve despertar pensamentos impudicos.

Monsenhor ficou profundamente desconcertado com a duvida de que a philosophia affonsina tem necessidade de uma radical reformã.

Tinham os jantado optima lente, e o naviosinho aereo oferecia-nos o celere flanco para uma bonissima dige tã.

Aproveitamo-nos delle immediatamente, subindo atraz de nosso guia que nos collocou na aeronave em commodissima posição.

Nãmos logo que todos os meios de locomoção aerea—dos que viamos entrecruzarem se sobre e sob nós no espaço—comquanto de formas variãdas

simas, apoiavam-se num mesmo principio: a imitação dos volveis, com lemes e remos movidos á electricidade.

A lua a vol d'oiseau

O balão corria, levando-nos de surpresa em surpresa.

Debaixo de nós, na ampla extensão dos prados e collinas, talhado em jardins de flora maravilhosa, os rios que de verdura entrelaçados no ferro—habitações particulares—isoladas ou em grupos, e as gigantescas, comquanto elegantes, construcções destinadas ao uso publico.

Aquillo que mais singularmente nos chamava a attenção era a fusão intima da natureza e da arte, de modo que se tornava difficil determinar onde cessava aquella e começava esta.

As casas e os palacios pareciam um desenvolvimento racional das coisas naturaes, assim com as solennes florestas, dobrando os froadosos ramos em guisa de galeria, ou agrupando as cupas excelsas em cupula florida, deixavam em duvida si fossem producto do humano artificio, ou si os palacios—tossem germinação da natureza.

Tal era a grandeza e formosura daquellas construcções erguendo-se para o céo, capazes de conter no vasto flanco milhares de seres vivos, que córamos ao pensar em nossa arte, producto fatigoso e fragmentario da pouca actividade terrestre, misero retalho, de tanto tempo e tanta intelligencia consagrados á brutal luta pela existencia material.

Parece que o velho advinhou o meu pensamento, porque disse:

— E' verdade! A civilidade data do momento em que o homem e ssa de prover ás necessidades materiaes da vida. Antes desse momento tudo é prehistorico no genero humano. (CONTINUA)

O pobre Luiz Correia, que ali me estava fallando com ares de louco, precocemente envelhecido, escaalavrado, minado de doencas, havia gasto o melhor dos seus annos nas estereis lutas de partido.

Passava por todas as religiões e por todas as facções politicas. O seu ultimo credo fora o anarchismo. Dahi passou a não ter mais credo; tudo era chimerico, tudo falso, tudo vão! Só uma verdade havia para elle d'ora avante: a eterna e incuravel estupidez e escuravidão da humanidade e, do mesmo modo, a eterna e irremediavel escravização dos individuos superiores, dos poucos capazes de serem livres e senhores de si. E a sua alma assim desiludida, desencantada, fazia lembrar um cerro deserto e devastado pela geada e granizo. Estava secca, morta.

Já á porta, para me ir embora, corri de novo os olhos pelas prateleiras. Aos pés de S. Francisco, no nicho, sobre a Biblia, lobriguei uma especie de tijolinho estreito, de um esverdeado escuro.

— Que diabo vem a ser aquillo, Luiz?— disse eu apontando para o extranho objecto.

— Ah! Logo vi que não deixavas passar... Aquillo é bosta de vacca.

— Bosta de vacca?

— Sim, homem, bosta de vacca. Está ali como um symbolo, como uma prova authentica da estupidez humana. Foi assim: ha annos, quando eu em Guro Preto, desenvolveu-se lá uma pequena epidemia. Um qualquer curandeiro, diplomado ou não, mas arrotando sapiencia, disse que era bom queimar bosta de vacca como preservativo do mal. E então foi uma verdadeira febre. Queimava-se bosta por todos os cantos. Or havia-se tornado irrespiravel. Certo domingo, subindo ao pulpito, o vigario da igreja de S. Francisco, que era um pouco desabusado, verberou o facto e, abrindo a bocarra, disse:

— E' uma indecencia, meus irmãos, esse queimar de bosta de vacca. Isso é falta de fé. Um povo religioso não vai, aliás, fazer dessas porcarias. Faz preces a S. Francisco, que é o mais milagroso dos santos, faz festas piedosas, missas propiciatorias. O que é preciso, contra a epidemia, não é queimar bosta de vacca, não, é ter fé em S. Francisco. A verdadeira bosta de vacca é S. Francisco.

Entrou um cliente. Despedi-me. MOTA ASSUNÇÃO.

OBSERVANDO

Consta que o sympathico grupinho editor da Lanterna de Diogenes, vai acceuar os anti-clericales et cetera, de terem atado o intelligente incendio que vai dar um solemne desfalque nas burras das companhias...

E' mui natural que os catholicos intransigentes recorram a uma nova infamia para que se saliente, ainda uma vez, a sublimidade da religião que professam. Dovidamos, porém, que o povo caia no laço que a policia, com a complicitade de uma imprensa alcoolizada e sem pudor, armou para justificar, perante a opinião publica, as perseguções que está preparando contra os homens de ideias adiantadas.

O povo já conhece os verdadeiros membros da verdadeira Mão-Negra: todos capitalistas, policiaes e jornalistas; cheios de graça de Deus, patriotas destemidos e de adroes alvos carados.

A LANTERNA em Jardinopolis

Estamos outra vez ás voltas com o famigerado Vinheta, um valente toureiro que, por ser tão toureiro e tão valente foi expulso das Filippinas, apesar de todas as suas excommunhões.

Infelizmente o que foi varrido das Filippinas para o bem daquellas ilhas aboleiu-se aqui e entende que em Jardinopolis é elle quem tem o barão e cutello. E nem uma outra viagem á Europa quer fazer.

Ha oito mezes, mais ou menos, foi cobrado o tal laudemio, que ha muitos annos não se cobrava. Mas o Vinheta tanto fez que recebeu 12 contos.

Agora houve uma briga entre Vinheta e o fabricante, devido ás contas, e por não ter o padre dado informações sobre o arame. E o certo é que não ficou nem um dez reis porque o cemiterio da fabrica está em aberto e os animaes vão ali pastar.

Após ter aqui apparecido A Lanterna, de que o Vinheta tem tanto medo quanto o diabo da cruz, diz elle que ha em Jardinopolis meia duzia de anti-clericaes, mas, devagarinho, hade fazer uma limpeza.

Viram só que pulha?! Felizmente já não somos do tempo em que o veneno, o puhal e a fogueira mandavam desta para melhor os herjes; e se o Vinheta quer fazer limpeza é preciso começar por si, pois o padre suja e macula toda a parte em que passa.

Esperamos, para gaudio dos leitores da Lanterna, que o Vinheta, com suas fanfarrices, ainda nos hade fazer rir á vontade.

E' um «toureiro valente», não resta duvida. (Do correspondente)

CAIXA DE HERES

F. Antunes—Nesta—Sens versos revelam sinceridade e enthusiasmo, mas a forma é que pecca. Nós não devemos ter muita pressa em publicar as suas primeiras produções. Assim o amigo deve ir se aperfeiçoando até chegar a uma relativa perfeição. E como os versos, hoje, devem ser finalmente trabalhados, é preferivel dedicar-se á prosa. Não se agaste, e se quiser, enviemos todas as suas produções sem acanhamento, para que as julgemos.

Dr. Gedeas—Nesta—Sua carta é de uma ironia preciosa e desenha muito bem o perfil jesuitico e buchoico do tal Bourroul. O amigo tem jus a mais uma excommunhão, o que vale cem vezes mais que uma benção.

Até a tal sciencia bolorenta do historiographo Bourroul fica reduzida a uma expressão bem simples.

S. C.—Ribeirão Preto—Para o tal jesuita estamos armazenando material, colhido nas taes cartas que elle escreve na Cidade. Aproveitaremos tambem suas informações. Todo jesuita, de batina ou casaca, é isso mesmo.

Adolpho—Nesta—E' exacto o que nos diz em sua missiva. Si as beasas têm tanto medo ás baratas é porque sabem que ellas são suas homonimas. Tambem se chama raso de savantia aos bentos.

Quabra—Orcelinos—Sou ultimatum ao bispo de Nitheroy, deveria ser, no mesmo numero, seguido dos rebatos e documentos, sem o que é inconsciento. Esperamos sua decisão.

Raphael Pires—Nesta—Aves de rapina, morcegos, cães famintos, viboras e muitas cosas, mas são os taes membros do clero.

Em sua carta, o amigo pinta em cores fortes toda essa corja de gananciosos e demonstra ser um intransigente lutador.

Muito bem! Gostamos de saber que podemos contar com um tão devotado companheiro.

Holms—Nesta—Tudo que o amigo diz do W Sousa o bonifrate chefe de policia, é exacto. Mas, em que mais culpado é o tal Washington é nas perseguções que move á liberdade de pensamento e de imprensa, pois que os rebatos como o do Fachada e as bombas da Casa Allemã não são mais que a reprodução do que se dá em Londres, Paris, Berlim, etc. em que a policia é mil vezes melhor organizada.

Só é passivel de censura o socio dandy do Automovel Club em suas perseguções aos operarios e em seu servilismo aos grossos capitalistas. Veja-se o caso Rossoni.

G. BRUNO.

Para o proximo numero

A tyrannia do espaço obriga-nos a adiar ainda diversos artigos e noticias, entre os quaes:

«Renovação d. Escolas» (continuação) de F. Ferrer;

Conclusão do manifesto academico;

«O Bandido de Casaca», artigo de Ulysses Martins;

Collaboração; Notas, commentarios, etc; A Lanterna no interior;

O nosso consorcio; Correspondencia de Ribeirão Preto;

«Como elles escrevem a historia» (serção de critica aos jornaes).

«A Lanterna» em S. Vicente

Em sua viagem de colheita de ni keis andou aqui o principe d. Duarte Leopoldo, que, segundo o velho cost me; casou pessoas já ha doze annos casadas no civil, e outras que viviam amasias dos. Isso elle fez para guerrear o casamento civil, mas os baptisados e chrismas, além d' outros obulos, recompensaram lhe a fadiga.

O Grupo Dramatico dr. Moreira Sampaio levou á scena, no dia 15 deste, o drama Os Ladros da Honra, cujo enredo põe ao vivo alguns dos muitos crimes jesuitas.

Tinham agora annuciado o drama Manchas de sangue mas, segundo consta, os elementos reaccionarios que andam a vegetar nas igrejas, procuram impedir que o proprietario do Kinê alugue o salão.

Sempre desse modo, buscando fazer pressão, que os carolas apregoam os triumphos de sua religião. (Do correspondente)

Com a S. Paulo Railway

Em carta que nos enviaram os trabalhadores da plataforma da Estação da Luz, queixam-se do modo deshumano e brutal com que os trata o fiscal Antonio de Sousa Coelho, a mando do chefe do trafego sr. Fidelis.

Dizem elles que si chegam alguns minutos mais tarde são obrigados a trabalhar meio-dia de graça para a Companhia, que é já tão rica, e se não se sujeitam soffrem 5 dias de multa.

Além de só perceberem 90\$000 mensaes soffrem elles continuos descontos no ordenario, o que não é justo.

Esperamos que esses vexames serão evitados, pois essa extorsão muito depõe contra os forros de seriedade da S. Paulo Railway.

Loterias de São Paulo. Magnifico plano 20 CONTOS. Bilhetes á venda em todas as casas lotericas.

Na Policia Central. Os nossos representantes. São nossos representantes fóra da capital os seguintes correligionarios...

«A Lanterna» em Ribeirão Pires. Também por aqui tem passado a unha do padre; e é uma desgraça. Onde elle cae, já se sabe; o pobre fica sem um real e o abastado soffre forte sangria.

Na capital. Iniciaremos o mais cedo possivel ás conferencias anti-clericales nos arrabaldes de S. Paulo.

Aos amigos. Todos os perseguidos, todos os victimas de clero sem entradas, de governos sem escrúpulos e dos capitalistas gananciosos encontram-se em A Lanterna...

Soffria Atrozmente de Anemia. Restabelecida em Seis Mezes. Emulsão de Scott.

«Declaro que tendo uma filhinha que soffria atrocemente de enfraquecimento geral do organismo e de uma anemia tão profunda que dia em dia a consumia mais, empreguei com o melhor resultado a Emulsão de Scott.»

A venda nesta redacção. Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer. Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Avelino Foscato O JUBILEU

II
E naquella luta em que o misero se esbofava como desalmado tyranno, não se sabia qual era mais desgraçado...

galha, proseguindo com a sua cantrola, improvisada por vezes, incorrecta e rustica, mas de uma poesia encantadora.
E' a verdadeira felicidade! disse Laura designando-o.

pezar—tornou o pintor— está na razão directa do adiantamento physico e moral do individuo, bem sei. Mas uma alma que se desabrocha na fascinante belleza da canção popular sofre como artista que é.

amanhã além, em busca da inabordable Mecca, do desconhecido gozo, posso medir a intensidade de tua melancolia por essas cinzas de coração deixadas como rastro triste, constantemente, perennemente á tua passagem.

Os peregrinos deixaram aquellas vozes nostalgicas, um como sulco de melancolia, aquellas viajantes vagarosas na romaria da luta pela vida, em busca, tambem, do inaccessivel, do mysterioso futuro apparecendo ao longe, aurea miragem nos roseos sonhos desabrochando-se á eterna esperança, eternamente gravada no peito.

— Queres que te diga? Valia mais a pena ter feito este pequeno trecho a cavallo.
A questão principal é a committida, ficava mal accommodada, sem pasto, sem tratamento, exposta a ladrões. Não sabes o que aquillo é, filha! — disse o Sena. Pensas ser como na fazenda do velho!

"A LANTERNA" em Mattão

Em resposta ao sermão do padre Luiz Salamero o Centro Espirita distribuiu um boletim em que desfez as asserções daquelle padeco. O boletim, bem redigido, com argumentos esmagadores, ficou sem resposta, que é esse o costume dos taes ministros quando acham pela frente quem não os poupa.



SERMÃO

Continuando o sermão: O que deste pulpito vos falava não é um S. Vicente de Paula. (Voz interna) — Não me atrevo a dizer a verdade, porque respeito os meus freguezes: sou uma Santa Vicenta de Paula...

Loterias da Capital Federal
Sabbado, 18 de dezembro
500 CONTOS Bilhete inteiro 36\$ 000
Sabbado, 18 de dezembro
Os bilhetes já se acham á venda em todas as agencias

ter de pagar quotas a diversos clubs de protecção ás jovens orphãs e aos meninos expostos, grande parte dos quaes é forçoso reconhecer que são victimas miinhas e de meus collegas.

PEQUENOS ÉCOS
Hotel Central—Recebemos uma circular do sr. Caetano Benedetti, que nos informa ter este senhor, proprietario do Hotel Central de Uberaba, reformado e melhorado consideravelmente este estabelecimento, de modo a torna-lo o preferido de quantos visitam a cidade mineira.

Os proprios catholicos reprova-ram tanta intolerancia.
A's 5 horas e 25 minutos da tarde, foi erigido no alto de um morro o grande cruzeiro, tão grande que requereu, para ser transportado, o esforço de 40 caipiras robustos. Media 9 metros de altura, 3 metros de haste e uns 22 centimetros de espessura.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração o favor de endereçar a correspondencia ao administrador d'A LANTERNA — EDGAR LEUENROTH.
O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado), e não caixa do correio, como por engano saiu.

Apesar da praxe jornalística, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.
Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um eco ás aspirações do nosso tempo.

Publicações periodicas

- Revista quinquenal fundada por Francisco Ferrer, destinada á exposição das novas tendencias do ensino e á propagação dos methodos racionais e praticos.
L'Ecole Rénovée
Revista quinquenal fundada por Francisco Ferrer, destinada á exposição das novas tendencias do ensino e á propagação dos methodos racionais e praticos.

Carlos Borges, João Figueira e Leonidas Cortez, 1\$ cada um; Praxedes Nascimento, \$400; Antonio Pinto, Augusto Gonçalves, João Zeferino, Balarino Esteves, Vidal dos Santos, F. Balarino, Alexandre Gonçalves, Cleo-ro Paula, Candido Rios, Miguel de Souza e José Manuel da Silva, \$500 cada um. Total, \$8900.

Use constantemente
Declara assim o illustrado medico do Rio de Janeiro num atestado dos ara. Scott & Bowne sobre a Emulsão de Scott:
«Attozo que na minha clinica tenho feito uso constantemente da Emulsão de Scott, particularmente entre as crianças, sempre com os mais vantajosos resultados.

SOLITARIA
Expelle-se, sem perigo e facilmente, com a Ankylostomíocida Philipp's n. 1.— Drogaria Berrini, rua Hospicio, 18 — Rio.

Retratos de Ferrer
Um amigo poz á venda em nossa redacção, ao preço de 2\$, diversos exemplares de uma boa photographia do grande martyr.

Agua ingleza
A melhor é a de Nascimento & Francesconi. — Drogaria Berrini, rua do Hospicio, 18—Rio.

Joaquim Marques Role
Este senhor, morador em Calaguanas, Minas, cu em suas imediações, é procurado por Ad-elina Rodrigues Maga, residente no Rio, á rua do Hospicio n. 166. Federação Operaria. Como não seja sabido o seu paradeiro, roga-se a transcripção deste a todos os collegas.

Opilação
Cura-se radicalmente com o Ankylostomíocida Philipp's. Drogaria Berrini, Hospicio, 18-Rio.

Vermouth, 400 réis
Chop e sandwiches, 200 ra.
Vinho Barbera e Toscano
Ponce Toscano, 200 réis!
No CRITERIUM BAR
2 — Largo do Rosario — 2

Tuberculose
A Antihistamina Nasolmento produz excellentes resultados. — Drogaria Berrini, Hospicio, 18-Rio.

Motores
na vapor, de 8, 12 e 16 cavallos, da FUNDAÇÃO DO BRAZ.
T. AMARO
Rua Corrêa de Andrade, 20

Bronchites, tosses, etc.
Curam-se com o Expectorato-bronchico. — Drogaria Berrini, rua do Hospicio, 18 — Rio.

Professor
Um engenheiro, com longa pratica de ensino, prepara alumnos para as Escolas de Commercio, Normal, Polytechnica e Mackenzie College e dá aulas practicas e theoreticas de ingles, cobrando apenas 10\$000 por materia, mensalmente. — Rua Barão de Iguape, 128.

Bons queijos
Fabricam-se com o Queijo suizo em pó. — Drogaria Berrini, rua do Hospicio, 18 — Rio.

Em Sorocaba

Recebemos dessa cidade o seguinte cartão:

Sr. redactor.
Realizou-se aqui, como em todas as cidades civilizadas, a festa denominada da bandeira. Foi ella promovida pelo illustrado mogo sr. Luiz de Campos, director do grupo escolar. A concorrência foi selecta e o brilhantismo seria unico, si não fosse o que abaixo vos passo a expor. Depois de alguns hymnos, etc., tomou a palavra o professor Abilio Marques, mogo intelligente, não ha negar, mas que, ao envez de manter-se firme ao encargo a que se submetera, qual o de trazer o panegirico do nosso pendão, do seu valor, da sua necessidade, em fim, fugiu ao assumpto verberando os fundadores da escola moderna, os livres-pensadores e pregando a sua religião, a catholica, com ares dum capuchinho em rendosa semana santa... Falasse sobre a bandeira, estivesse direito, mas nunca procurasse abusar da nossa bondade de espectadores, rebucando phrases no colorido do verde, ou na enervante fonte dos Requetos, para impingir-nos a «sublimidade» da religião que enegrecera a historia e que, no Brasil, em nome do mesmo Deus que só sabemos de amor; gerou um Anchieta, o monstro catechizador que mandou trucidar Boles, o genio altivo da razão! Não sr. Abilio, venha pelo terreno dos factos, pela logica, e vamos ver se a festa da bandeira tem algo de ver com a religião de que sois adepto! Sr. redactor, ahí fica o meu protesto. — Sorocaba, 21—11—09. — Um acerr. mo livre-pensador.

Um professor que se rebella contra a Escola Moderna e accetia e celebra uma bandeira positivista, que até aqui a igreja não quiz reconhecer devido ao lema «Ordem e Progresso»!...
Para um professor carola essa amostra de illustração (!) e coherencia vai muito bem.

"A LANTERNA" em S. Roque

Pelo visto, temos em S. Roque o Santo Officio, um pouco mais moderado, é exacto, porque já lhe não é possivel torturar e queimar seres humanos; mas nem por isso deixa de ser o Santo Officio, com as mesmas formalidades a que não falta a fogueira—a arma da igreja para converter e dominar.

Os salesianos andaram aqui a prégar a santa missão e, por meio de ameaças terriveis e espantosos anathemas, conseguiram, principalmente das mulheres, a entrega de livros, taes como a Biblia, folhetos espiritas e protestantes, romances e postaes illustradas para os lançar á fogueira, o que fizeram.
Foi a 7 deste mez, domingo, que os taes paraitas salesianos queimaram os livros hereticos, porque, diziam os mentirosos, com as chammas purificavam as almas dos incredulos. E' só com o fogo que elles purificam, os tratantes. Desses modo elles deveriam ser os primeiros a ser queimados.
Foi um verdadeiro acto inquisitorial, que, se não foi vaiado, foi por uma medida de prudencia.

Bilhetes e recados

Rio—Moscoso: Recebi os 16\$500. Agradeço o numero unico. O Gallo agradece os seus servicos.—Jango! Mande os ns, que sobram que ha falta.—Mots: Estimamos tus melhores. Alteramos o endereço: Saúde. Obrigados pela lembrança. Custa 1\$.—A. R. Maga: Permutaremos.—Ulysses: Sempre o mesmo, hein? Publicaremos.
Sant'Anna de Sapucahy—H. D. Nascimento. Recebemos os 10\$. Obrigados.
Campinas—Olivar: Muito bem! E' preciso impedir.—A. Pace: Registramos o novo assignante.—F. de Riga: Seguram mais os 20 numeros. O jornal tem seguido com regularidade. Recebi o jornal. Saúde.—F. Ferrer Bueno: Gratos aproveitaremos. Já neste numero alguma por conta.
Lorena.—F. Juca: Recebemos e sabrá logo que seja possivel.
Santos—L. Santos: Recebemos e sentimos não poderemos publicar. Temos recebido tantos versos que é impossivel inserir todos. Escreva prosa que é preferivel.
Ribeirão Preto—F. Bahiera: Está bem. Mandaremos os 40 exemplares. Sauda ções.
Abadia de Dourados—Dr.O. Paranhos: Envia-mos um pacote e registramos seu nome. Saudações.
Rocinha—José Porto: Recebemos e publicaremos. Agradecemos a lista de assignantes.
S. J. do Paraíso—J. B. Thomas: Fizemos a transferencia de sua assignatura. Saudações.
Jardinópolis—V. Tacchi: Recebemos a lista de assignantes. Agradecemos.—Tacchi: Breve seguirá o conferencia. Saudações.
Piracicaba — J. Alemay: Mandaremos pacotes ás pessoas indicadas. Não ha inconveniente; pôde vir no principio do mez. Saudações.
Botucatu—F. L. Ribeiro: Envia-mos os 30 exemplares. Agradecemos o seu interesse e a indicação. Saudações.
Pirassununga—Dr. D. Jardim: Lamentamos a sua resolução, em todo o caso, não poderá conduzir ahí. Saudações.
S. Paulo—D'Oglicelli: Está claro. E' essa a nossa conducta.—V. Sierra: Seguem os jornais. Obrigados.
S. Vicente—M. Barcala: Envia-mos os 20 exemplares. Agradecemos a informação. Saudações. Pôde ser nosso agente?
Itatiba—B. Martins: Recebeu? Saudações.